



TRADUÇÃO DE RENATO CARREIRA

LINDA

*um beijo na escuridão*

HOWARD

*Paris*

**Lily** inclinou a cabeça e sorriu ao seu acompanhante, Salvatore Nervi, enquanto o *maitre* a sentava de forma gentil e silenciosamente à melhor mesa do restaurante. O sorriso era uma das poucas coisas que em si era genuína. O azul ártico dos olhos estava coberto por uma calorosa cor de avelã devido às lentes de contacto. O cabelo louro tinha sido escurecido por uma rica tonalidade castanha com subtis madeixas mais claras. Retocava as raízes regularmente para que não fossem visíveis quaisquer indícios do louro original. Para Salvatore Nervi ela era Denise Morel, um apelido suficientemente comum dado existirem bastantes Morel em França, mas não tão comum que pudesse suscitar alarmes subconscientes. Salvatore Nervi era um homem desconfiado por natureza, uma faceta que lhe salvara a vida em tantas ocasiões que, provavelmente, não se recordaria de todas elas. Mas, se tudo funcionasse de acordo com o plano naquela noite, seria finalmente apanhado. E podia dizer-se que seria apanhado pela pila. Que ironia.

O seu passado forjado tinha apenas algumas camadas de profundidade, porque não tivera tempo de o preparar melhor. Arriscara que ele não obrigaria os seus colaboradores a proceder a uma investigação em profundidade, que não teria a paciência exigida para esperar respostas antes de avançar sobre ela. Normalmente, se fosse necessário um passado, Langley prepará-lo-ia, mas, naquela ocasião, estava por sua conta. Fizera o melhor que podia no tempo de que dispusera. Talvez Rodrigo, o filho mais velho de Salvatore e o número dois na organização Nervi, continuasse a pesquisar. Dispunha de tempo limitado até descobrir que aquela Denise Morel, em particular, aparecera do nada apenas alguns meses antes.

— Ah! — Salvatore instalou-se na cadeira com um suspiro de prazer em resposta ao seu sorriso. Era um homem bem-parecido acabado de entrar na casa dos cinquenta. As suas feições eram italianas clássicas, com cabelo escuro brilhante e boca sensual. Fazia questão de se manter em forma e o cabelo não começara ainda a embranquecer. Ou era isso ou ele era tão talentoso como ela nos retoques de cor. — Está particularmente bela esta noite. Já lho disse?

Também possuía o charme italiano clássico. Era pena que fosse um assassino implacável. Mas também ela o era. Nesse aspecto, eram semelhantes, apesar de esperar que não fossem absolutamente idênticos. Precisava de alguma superioridade, ainda que pequena.

— Já — respondeu, com olhar caloroso. O seu sotaque era parisiense. Treinara durante muito tempo e com afincos para o conseguir. — E volto a agradecer-lho.

O gerente do restaurante, *monsieur* Durand, aproximou-se da mesa e fez uma vénia respeitosa.

— Que prazer voltar a vê-lo, *monsieur*. Tenho boas notícias. Adquirimos uma garrafa de *Château Maximilien* de oitenta e dois. Chegou ontem e, quando soube que nos vinha visitar, guardei-a para si.

— Excelente! — comentou Salvatore, radiante. O Bordéus de oitenta e dois era uma colheita excepcional e restavam muito poucas garrafas. As que existiam atingiam preços de topo. Salvatore era conhecedor de vinhos e estava disposto a pagar qualquer preço para comprar um vinho raro. Mais do que isso, era um apaixonado pelo vinho. Não comprava garrafas apenas pelo prazer da posse. Bebia o vinho, saboreava-o, tornava-se poético devido às suas apreciações sobre os diferentes sabores e aromas. Voltou o seu sorriso radiante para Lily. — Este vinho é ambrósia. Verá.

— Duvido — replicou ela, calmamente. — Nunca gostei de vinho. — Tornara isso claro desde o início. Que era uma francesa invulgar a quem o sabor do vinho não agradava. As suas papilas gustativas eram decididamente plebeias. Na realidade, Lily apreciava um copo de vinho, mas não era Lily que estava com Salvatore e sim Denise Morel e esta bebia apenas café ou água engarrafada.

Salvatore riu-se e disse:

— Veremos. — No entanto, pediu que lhe trouxessem café.

Era o terceiro encontro com Salvatore. Desde o início, mostrara-se mais fria do que ele desejaria, recusando os dois primeiros convites para saírem. Fora um risco calculado, destinado a acalmar as suas suspeições. Salvatore estava habituado a pessoas que procurassem a sua atenção e protecção e não a ser rejeitado. A aparente falta de interesse dela aumentara o interesse dele, porque era assim que funcionavam as pessoas poderosas. Esperavam que os outros lhes prestassem atenção. Também se recusava a partilhar os seus gostos, tal como o gosto pelo vinho. Nos dois encontros anteriores, tentara convencê-la a provar, mas ela, com determinação férrea, recusou. Nunca antes tinha estado com uma mulher que não tentasse automaticamente agradar-lhe e o seu distanciamento intrigava-o.

Lily detestava estar com ele, detestava ter de lhe sorrir, de falar com ele, de suportar até mesmo o seu toque mais casual. Na maior parte do tempo conseguia controlar o seu desagrado, forçando-se a concentrar-se no objectivo, mas, por vezes, a raiva e a dor enojavam-na de tal forma que mal conseguia impedir-se de o atacar com as suas mãos nuas.

Ter-lhe-ia dado um tiro se pudesse, mas a sua protecção era exce-

lente. Era revistada antes de lhe ser permitido aproximar-se dele. Até os seus dois primeiros encontros haviam decorrido em eventos sociais nos quais os convidados eram revistados à entrada. Salvatore nunca entrava num carro em terreno descoberto. O motorista encostava sempre a um pórtico protegido para que ele entrasse e nunca ia a parte alguma que exigisse uma saída desprotegida do veículo. Se tal saída fosse inevitável, não iria. Lily pensou que deveria ter uma saída protegida e secreta da sua casa em Paris, para conseguir deslocar-se sem ser notado, mas, se assim fosse, ainda não conseguira localizá-la.

Aquele restaurante era o seu preferido porque tinha uma entrada privativa e coberta usada pela maioria dos clientes. O estabelecimento era exclusivo. Tinha uma longa lista de espera que era, basicamente, ignorada. Os convivas pagavam bem por um lugar que era familiar e seguro e o gerente esforçava-se por garantir essa segurança. Não havia mesas próximas das janelas. Ao invés, havia bancos de flores. Colunas de tijolo espalhadas pela sala de jantar entrecortavam o espaço, perturbando linhas de mira directas a partir do exterior. O efeito era simultaneamente acolhedor e luxuoso. Um exército de empregados de fato preto vagueava entre as mesas, enchendo copos de vinho, esvaziando cinzeiros, limpando migalhas e cumprindo todos os desejos antes que a maior parte deles pudesse sequer ser expressa. Lá fora, a rua era ladeada por carros com portas de aço reforçado, janelas à prova de bala e carroçarias blindadas. No interior dos carros, havia guarda-costas armados que vigiavam cuidadosamente a rua e as janelas dos edifícios vizinhos à procura de alguma ameaça, real ou não.

A forma mais fácil de atacar aquele restaurante e todos os seus infames clientes seria com um míssil teleguiado. Qualquer outra coisa dependeria da sorte e, na melhor das hipóteses, seria imprevisível. Infelizmente, Lily não tinha nenhum míssil teleguiado.

O veneno estava no Bordéus que seria servido em breve e era tão potente que um único copo seria letal. O gerente aplicara-se a fundo para encontrar aquele vinho para Salvatore, mas Lily aplicara-se ainda mais para o conseguir primeiro e para o tornar notado por *monsieur* Durand. Quando soube que Salvatore a levava ali para jantar, permitiu que a entrega da garrafa fosse concretizada.

Salvatore tentaria convencê-la a partilhar o vinho, mas não esperaria realmente que aceitasse.

Seria provável que esperasse tê-la na sua cama naquela noite, mas, novamente, acabaria desiludido. O ódio de Lily era tão intenso que mal conseguira forçar-se a deixar que ele a beijasse e a aceitar o seu toque com uma reacção minimamente calorosa. Não pretendia deixá-lo fazer mais do que isso. Além disso, não estaria com ele quando os efeitos do veneno co-

meçassem a fazer sentir-se, o que deveria acontecer entre quatro e oito horas após a ingestão, se o Dr. Speer estivesse certo na sua estimativa. Durante esse período estaria demasiado ocupada a sair do país.

Quando Salvatore percebesse que algo estava mal, seria demasiado tarde. O veneno teria já feito os seus estragos, fazendo com que os rins e o fígado deixassem de funcionar e afectando-lhe o coração. Entraria num colapso geral em grande escala. Poderia sobreviver algumas horas depois disso, talvez até um dia inteiro, até o seu corpo sucumbir por completo. Rodrigo viraria França do avesso à procura de Denise Morel, mas esta desapareceria em pleno ar. Pelo menos, durante algum tempo. Não pretendia eternizar o seu desaparecimento.

O veneno não era a arma que habitualmente escolhia. Fora forçada a usá-la pela obsessão de Salvatore com a segurança. O seu método de eleição era a pistola e tê-la-ia usado, mesmo sabendo que seria abatida de imediato, mas não conseguira encontrar forma de trazer uma arma até junto dele. Se não trabalhasse sozinha, talvez... ou talvez não. Salvatore sobrevivera a várias tentativas de assassinato e aprendera com cada uma delas. Nem mesmo um atirador furtivo conseguiria visá-lo em condições. Matar Salvatore Nervi implicaria usar veneno ou uma arma de grande potência destrutiva que matasse também outras pessoas em redor. Lily não se importaria de matar Rodrigo ou qualquer outro elemento da organização de Salvatore, mas este era esperto ao ponto de garantir que havia sempre inocentes por perto. Não conseguiria matar de forma tão casual e indiscriminada. Nisso, era diferente de Salvatore. Talvez fosse a única diferença, mas, para bem da sua própria sanidade mental, era uma diferença que precisava de preservar.

Tinha trinta e sete anos. Fazia aquilo desde os dezoito. Ou seja, fora assassina durante mais de metade da sua vida e era bastante competente, o que explicava a sua longevidade no ramo. No início, a idade fora uma vantagem. Era tão jovem e fresca que quase ninguém a via como ameaça. Já não possuía essa vantagem, mas a experiência conferira-lhe outras. No entanto, essa mesma experiência também a gastara ao ponto de, por vezes, se sentir tão frágil como uma casca de ovo rachada. A pancada seguinte reduzi-la-ia a estilhaços.

Ou talvez já estivesse estilhaçada sem se ter apercebido. Sentia-se como se nada lhe restasse, como se a sua vida fosse um deserto. Conseguia ver apenas o objectivo à sua frente: Salvatore Nervi cairia e levaria consigo a sua organização. Era o primeiro e o mais importante porque fora ele a dar a ordem para assassinar as pessoas que mais amara. Além deste objectivo, não conseguia vislumbrar mais nada. Nem esperança, nem riso, nem a luz do sol. Não significava quase nada o facto de ser provável que não sobrevivesse à tarefa a que se propusera.

Isto não significava, de forma alguma, que iria desistir. Não era suicida. Por uma questão de orgulho profissional, esforçar-se-ia para completar o trabalho e escapar com vida. E restava ainda no seu coração a esperança essencialmente humana de que, se conseguisse sobreviver, a dor acabaria por se atenuar um dia e voltaria a sentir alegria. A esperança era uma chama pequena, mas de brilho intenso. Supôs que fosse o que mantinha a maioria das pessoas a avançar perante o desespero mais tremendo, resultando num número relativamente baixo de desistências.

No entanto, não tinha ilusões quanto à dificuldade do que pretendia fazer ou às suas hipóteses tanto no presente como no futuro. Depois de terminar a tarefa, teria de desaparecer por completo, se sobrevivesse. Os engravatados de Washington não gostariam de saber que abatera Nervi. Não seria apenas Rodrigo a procurá-la, mas também a sua própria gente e não lhe parecia que o resultado variasse muito conforme quem conseguisse localizá-la primeiro. Afastara-se das regras, por assim dizer, o que significava que, não apenas era dispensável (sempre o fora), mas a sua eliminação passaria a ser desejável. Fosse como fosse, a situação não era positiva.

Não podia voltar a casa, não que ainda lhe restasse realmente uma casa. Não podia colocar em perigo a mãe e a irmã, juntamente com a família desta. De qualquer forma, não falava com nenhuma delas há um par de anos... Não. Tinham-se passado quatro anos desde a última vez que ligara à mãe. Ou cinco. Sabia que estavam bem porque as acompanhava à distância, mas a verdade dura dos factos era que já não pertencia ao mundo delas, assim como elas não conseguiriam compreender o seu. Não via a família há quase uma década. Faziam parte do Antes e Lily movia-se agora, irrevogavelmente, no Depois. Os seus amigos no ramo tinham-se tornado a sua família e todos eles foram chacinados.

Desde que se soubera que Salvatore Nervi era o responsável pelas mortes dos amigos, concentrara-se apenas numa única coisa: aproximar-se o suficiente de Salvatore para matá-lo. Nem sequer tentara esconder o facto de ter sido ele a ordenar a sua morte. Usara o acto para deixar claro que atraí-lo não era boa ideia. Não receava a polícia. Com os seus contactos, era intocável nessa frente. Salvatore controlava muitas pessoas em posições de poder, não apenas em França, mas em toda a Europa, e podia fazer o que bem entendesse.

Percebeu que ele lhe dirigia a palavra e que parecia irritado porque era óbvio que não lhe prestava atenção.

— Desculpe — disse-lhe. — Estou preocupada com a minha mãe. Ligou hoje e disse-me que tinha caído nas escadas de casa. Disse que não se tinha magoado, mas penso que deveria visitá-la amanhã e ver por mim

própria. Tem mais de setenta anos e os velhos partem ossos com grande facilidade, não é?

Era uma mentira competente e não apenas porque estivera realmente a pensar na sua mãe real. Salvatore era um italiano genuíno. Venerara a mãe e compreendia a devoção familiar. A sua expressão tornou-se imediatamente preocupada.

— Sim, claro que sim. Onde vive?

— Em Toulouse — respondeu, optando por uma cidade tão distante de Paris quanto seria possível, sem sair de França. Se Salvatore referisse Toulouse a Rodrigo, isso poderia fazer ganhar-lhe algumas horas enquanto este a procurava no Sul. Claro que Rodrigo também poderia presumir que referira Toulouse apenas como uma manobra de diversão. O sucesso do engodo era incerto. Não podia perder tempo a preocupar-se com hipóteses. Seguiria o plano e esperaria que funcionasse.

— Quando regressará?

— Depois de amanhã, se tudo estiver bem. Se não... — encolheu os ombros.

— Então precisamos de aproveitar esta noite ao máximo. — O calor nos seus olhos escuros fê-la perceber exactamente em que pensava.

Manteve-se firme. Afastou-se ligeiramente e ergueu as sobrancelhas.

— Talvez — disse com frieza. — Talvez não. — O tom fazia-o perceber que ela não morria de desejo de dormir com ele.

Mais uma vez, a sua distância aguçou-lhe o interesse, intensificando-lhe o calor nos olhos. Lily pensou que talvez a sua relutância lhe recordasse a juventude, quando cortejara a sua falecida mulher e mãe dos seus filhos. As jovens italianas da sua geração guardavam de forma intransigente a sua virtude e talvez continuassem a fazê-lo, tanto quanto sabia. Não tinha tido grande contacto com raparigas de qualquer nacionalidade.

Dois empregados aproximaram-se. Um trazia a garrafa de vinho como se fosse um tesouro sem preço. O outro trazia o café. Lily sorriu em agradecimento quando o café foi colocado à sua frente e ocupou-se em juntar-lhe as natas ricas, fingindo ignorar Salvatore enquanto o empregado retirava a rolha com teatralidade, apresentando-lha para que a cheirasse. No entanto, era total a atenção que ele prestava à garrafa e ao ritual que se desenrolava. Os conhecedores de vinho davam grande importância àqueles rituais. Ela não os compreendia. Na sua opinião, o único ritual relativo ao vinho era colocá-lo num copo e bebê-lo. Não queria cheirar uma rolha.

Depois de Salvatore acenar com a cabeça, manifestando a sua entusiástica aceitação, o empregado, de forma solene e consciente da atenção do seu público, despejou o vinho tinto no copo de Salvatore. Lily susteve

a respiração enquanto Salvatore agitava o copo, inspirava o seu perfume e bebia um primeiro gole.

— Ah! — exclamou, fechando os olhos de prazer. — Maravilhoso.

O empregado fez uma vénia, como se fosse pessoalmente responsável pela qualidade do vinho e deixou a garrafa sobre a mesa antes de se afastar.

— Tem de provar isto — disse Salvatore a Lily.

— Seria um desperdício — respondeu, beberricando o café. — Este é para mim um sabor agradável. — Indicou o café. — Quanto ao vinho... bah!

— Este vinho fá-la-á mudar de ideias. Prometo.

— Já outros me fizeram a mesma promessa antes. E enganaram-se.

— Apenas um gole, o suficiente para saborear ao de leve — insistiu e, pela primeira vez, Lily notou um indício de desagrado nos seus olhos. Era Salvatore Nervi e ele não estava acostumado a ver a sua vontade rejeitada, sobretudo por uma mulher que havia favorecido com a sua atenção.

— Não gosto de vinho...

— Não provou este — disse ele, segurando a garrafa, despejando algum para outro copo e estendendo-lho. — Se não achar que isto é divinal, não lhe voltarei a pedir para provar outro. Dou-lhe a minha palavra.

Era verdade o que dizia, pois estaria morto. E ela também, se bebesse.

Quando abanou a cabeça, o temperamento de Salvatore alterou-se, fazendo tilintar o copo quando o pousou sobre a mesa.

— Não faz nada do que lhe peço — disse, olhando-a com intensidade. — Interrogo-me sobre o motivo que a trouxe aqui. Talvez devesse poupá-la à minha companhia e pôr fim ao serão?

Nada lhe teria agradado mais se, ao menos, ele tivesse bebido uma maior quantidade de vinho. Não lhe pareceu que um gole contivesse veneno suficiente para atingir o objectivo. O veneno era extremamente tóxico e ela injectara através da rollha uma dose capaz de matar vários homens do seu tamanho. Se ele se fosse embora, zangado, o que aconteceria à garrafa deixada aberta? Levá-la-ia consigo ou deixá-la-ia sobre a mesa? Caro como o vinho era, sabia que não o deitariam fora. Outro cliente acabaria por bebê-lo ou seria partilhado entre os empregados.

— Muito bem — disse, segurando o copo. Sem hesitar, ergueu-o até à boca e inclinou-o, deixando o vinho molhar-lhe os lábios, mas sem engolir. Poderia o veneno ser absorvido através da pele? Estava praticamente certa de que sim. O Dr. Speer dissera-lhe para usar luvas de látex quando o manuseasse. Receava que a sua noite se tivesse tornado muito interessante,



de uma forma não planeada, mas não havia mais nada a fazer. Nem sequer poderia atirar a garrafa ao chão porque os funcionários acabariam por entrar inevitavelmente em contacto com o vinho quando o limpassem.

Não se dando ao trabalho de reprimir o tremor que passou por ela, pousou rapidamente o copo antes de limpar os lábios com o guardanapo, dobrando-o cuidadosamente em seguida para não voltar a tocar na parte humedecida.

— E então? — perguntou Salvatore com impaciência, mesmo que não tivesse notado o tremor.

— Uvas podres — respondeu Lily. E voltou a estremecer.

Salvatore pareceu aterrado.

— Podres? — Não conseguia conceber que ela não apreciasse aquele vinho maravilhoso.

— Sim. Saboreei os seus antecedentes que, infelizmente, também sabiam a uvas podres. Está satisfeito? — Permitiu que um indício de desagrado lhe assomasse aos olhos. — Não me agrada que me forcem.

— Eu não...

— Foi o que fez. Sob ameaça de não me voltar a ver.

Salvatore bebeu novo gole de vinho, ganhando tempo antes de responder.

— Peço desculpa — disse, com cuidado. — Não estou acostumado a...

— A ouvir a palavra «não»? — completou ela, imitando-lhe o gesto ao beber um gole de café. A cafeína teria o efeito de acelerar a disseminação do veneno? As natas abrandá-la-iam?

Estaria disposta a sacrificar-se por uma possibilidade de o atingir na cabeça com um tiro. De que forma seria aquilo diferente? Minimizara o risco tanto quanto podia, mas este continuava a existir e o veneno provocaria uma morte terrível.

Salvatore encolheu os ombros largos e lançou-lhe um olhar arrependido.

— Exactamente — disse, revelando o seu lendário charme. Conseguia ser um homem encantador quando o desejava. Se não soubesse quem era, poderia ter-se deixado enganar. Se não tivesse estado de pé sobre as três sepulturas de dois amigos próximos e da sua filha adoptiva, poderia ter decidido de forma bastante filosófica que, nesta actividade, a morte era uma consequência relativamente normal. Averill e Tina conheciam os riscos quando se envolveram no jogo, tal como ela. No entanto, com apenas treze anos de idade, Zia era inocente. Lily não conseguiria esquecer Zia. Nem perdoar. Não conseguia ser filosófica.

Três horas mais tarde, depois de consumido o repasto e com o

conteúdo integral da garrafa de vinho dentro do estômago de Salvatore, ergueram-se para sair. Passava pouco da meia-noite e o céu nocturno de Novembro cuspia flocos de neve que derretiam ao primeiro contacto com o pavimento molhado das ruas. Lily sentiu náuseas, mas podiam ser provocadas pela tensão intensa e não pelo veneno que, supostamente, levaria mais de três horas antes que os efeitos comesçassem a sentir-se.

— Acho que alguma coisa me caiu mal — disse, depois de entrarem no carro.

Salvatore suspirou profundamente.

— Não precisa de se fingir doente para não ir para casa comigo.

— Não estou a fingir — respondeu ela, prontamente. Salvatore voltou a cabeça e assistiu ao desfilar das luzes parisienses pela janela. Congratulava-se por ele ter bebido todo o vinho porque, de qualquer forma, estava praticamente segura de que ele a consideraria uma causa perdida.

Inclinou-se para trás e fechou os olhos. Não se tratava de tensão. As náuseas aumentavam em cada momento. Sentiu a pressão aumentar na garganta e exclamou:

— Pare o carro. Vou vomitar!

O condutor travou a fundo (era curioso como aquela ameaça em particular conseguira fazê-lo ir contra a sua rotina de segurança) e Lily abriu a porta antes que o carro se imobilizasse por completo, inclinando-se para fora e vomitando na valeta. Sentiu uma mão de Salvatore nas costas e outra no braço, segurando-a, apesar de ter o cuidado de não se inclinar demasiado, expondo-se a uma hipotética linha de fogo.

Depois de os espasmos lhe esvaziarem o estômago, deixou-se cair sobre o banco e limpou a boca com o lenço que Salvatore lhe passou em silêncio.

— Peço desculpa — disse, ouvindo com choque a voz trémula e fraca que lhe saía pela boca.

— Sou eu quem pede desculpa — disse ele. — Não pensei que estivesse verdadeiramente indisposta. Será melhor levá-la a um médico? Posso chamar o meu...

— Não. Sinto-me melhor agora — mentiu. — Por favor, leve-me para casa.

Foi o que fez, com inúmeras perguntas reveladoras de preocupação e com a promessa de lhe ligar pela manhã. Quando o motorista parou finalmente à porta do edifício onde alugara um apartamento, pousou a mão sobre a de Salvatore e disse:

— Sim, por favor ligue-me amanhã. Mas não me beije. Posso ter apanhado um vírus. — Com essa desculpa oportuna, puxou o casaco sobre os ombros e apressou o passo em direcção à porta, através da neve que caía

com cada vez maior intensidade e sem se atrever a olhar para trás enquanto o carro se afastava.

Chegou ao apartamento e caiu sobre a cadeira mais próxima. Era impossível que conseguisse reunir os seus pertences essenciais e chegar até ao aeroporto como inicialmente planeava. Talvez fosse o melhor, afinal. Expor-se ao perigo seria a melhor cobertura de todas. Se o veneno também a afectasse, Rodrigo não desconfiaria dela e não se importaria com o que lhe acontecesse depois de recuperada.

Presumindo que sobreviveria, claro.

Sentiu-se muito calma enquanto esperava que acontecesse o inevitável.

## | 2 |

A sua porta foi aberta com um violento pontapé pouco depois das nove da manhã seguinte. Entraram três homens, todos com armas na mão. Lily tentou erguer a cabeça, mas, com um leve gemido, deixou-a cair novamente sobre a tapete que cobria a madeira escura e polida do chão.

As faces dos três homens agitavam-se à sua frente enquanto um deles se ajoelhava a seu lado e lhe voltava rudemente a cara. Pestanejou e tentou focá-lo. Era Rodrigo. Engoliu e estendeu-lhe uma mão, num silencioso pedido de ajuda.

Não fingia. A noite fora longa e difícil. Vomitara várias vezes e fora atacada por ondas sucessivas de calor e de frio. Dores lancinantes atingiram-lhe o estômago, deixando-a curvada em posição fetal, gemendo de dor. Durante algum tempo, pensou que a dose teria sido letal, mas, agora, as dores pareciam acalmar. Continuava demasiado fraca e doente para se erguer do chão e dirigir-se até ao sofá ou até ao telefone para pedir socorro. Numa ocasião durante a noite, tentara alcançar o telefone, mas o esforço foi feito tarde demais e não conseguiu.

Rodrigo praguejou baixo em italiano, guardou a arma no coldre e berrou uma ordem a um dos seus homens.

Lily reuniu as forças que lhe restavam e conseguiu sussurrar.

— Não... se aproxime tanto. Pode ser... contagioso.

— Não — disse ele no seu francês excelente. — Não é contagioso.

— Momentos mais tarde, um cobertor macio cobriu-a e Rodrigo embrulhou-a rapidamente nele antes de a erguer nos braços com facilidade.

Saiu do apartamento e desceu as escadas traseiras, onde o carro os esperava com o motor ligado. O motorista saiu ao ver Rodrigo e abriu a porta traseira.

Lily foi depositada no interior, com Rodrigo de um lado e um dos homens do outro. A cabeça embatia-lhe contra o banco e fechou os olhos, gemendo enquanto uma dor aguda se fazia sentir novamente no seu estômago. Não tinha forças para se manter sentada e sentiu-se lentamente a cair. Rodrigo emitiu um som exasperado, mas voltou-se, permitindo-lhe encostar-se a ele.

A maior parte dos seus pensamentos conscientes eram ocupados por sofrimento físico puro, mas uma parte lúcida e fria do cérebro permanecia isolada e alerta. Ainda não estava livre dos perigos constituídos pelo veneno e por Rodrigo. Por enquanto, o julgamento deste tinha sido suspenso, mas era tudo. Pelo menos, levava-a para algum lado onde seria tratada por um médico. Era o que esperava. Não seria provável que a levasse para algum lado para a matar e livrar-se do corpo porque matá-la no apartamento e fugir em seguida seria muito mais fácil. Não sabia se alguém o vira a carregá-la para fora, mas as hipóteses de terem existido testemunhas eram boas, mesmo que a tivesse feito sair pelas traseiras. Presumiu que Salvatore estivesse morto ou moribundo e que Rodrigo fosse agora o chefe da família Nervi. Como tal, teria herdado grande poder, tanto financeiro como político. Salvatore tinha muita gente sob controlo.

Esforçou-se por manter os olhos abertos, por prestar atenção ao caminho que o motorista seguia, mas as suas pálpebras teimavam em fechar-se. Finalmente, acabou por desistir do esforço. Não importava onde Rodrigo a levasse porque não havia literalmente nada que pudesse fazer a esse respeito.

Os homens no carro permaneciam silenciosos, nem sequer fazendo comentários de circunstância. A atmosfera parecia pesada e tensa com pesar, preocupação ou até fúria. Não conseguia perceber qual das hipóteses seria a correcta e, visto que não falavam, não podia tentar perceber pela conversa. Até o barulho exterior do trânsito pareceu esbater-se até que, por fim, não restava nada.

O portão do complexo abriu-se quando o carro se aproximou e o motorista, Tadeo, fez passar o *Mercedes* branco através da abertura com apenas alguns centímetros de folga de cada um dos lados. Rodrigo esperou até estarem por baixo do pórtico e Tadeo saltar para fora para abrir a porta do passageiro, antes de virar Denise Morel. A cabeça pendeu-lhe para trás e ele percebeu que

ela estava inconsciente. Tinha a cara de um branco amarelado, com olhos cavados e um odor que se erguia do corpo. O mesmo odor que notara no pai.

Sentiu o estômago apertado enquanto lutava para conter a dor. Ainda não conseguia acreditar. Salvatore estava morto. Tinha partido de forma repentina. As notícias ainda não se sabiam, mas seria apenas uma questão de tempo. Rodrigo não teria direito ao luxo do luto. Precisava de agir rapidamente, consolidar a sua posição e tomar as rédeas, antes de os seus rivais avançarem como um bando de chacais.

Quando o médico da família disse que a condição de Salvatore parecia provocada por um envenenamento com cogumelos, não perdera tempo. Enviou três homens para irem buscar *monsieur* Durand ao restaurante e trazê-lo ali enquanto foi procurar pessoalmente Denise Morel, com Tadeo a conduzir e acompanhado por Lamberto e Cesare. Fora a última pessoa que o pai vira antes da doença e o veneno era uma arma feminina, indirecta e indefinida, dependente de estimativas e probabilidades. No entanto, naquele caso, a arma fora eficiente.

Mas, se fosse ela a culpada da morte do pai, tinha-se também envenenado a si própria em vez de deixar o país. Não esperava que estivesse no apartamento, depois de Salvatore dizer que ia a Toulouse visitar a mãe idosa. Rodrigo vira aquilo como uma desculpa útil. Parecia-lhe agora que estivera errado ou, pelo menos, a possibilidade de erro era suficientemente forte para não abater a mulher de imediato.

Deslizou para fora do carro e prendeu as mãos nas suas axilas, arrastando-a atrás de si. Tadeo ajudou-o a segurá-la até Rodrigo conseguir colocar o braço sob os joelhos, erguendo-a contra o peito. Tinha uma altura mediana, cerca de um metro e sessenta e sete, mas parecia demasiado magra. Apesar de ser peso morto, transportou-a com facilidade para o interior.

— O Dr. Giordano continua aqui? — perguntou, recebendo uma resposta afirmativa. — Digam-lhe que preciso dele, por favor. — Levou-a para o piso superior, até um dos quartos de hóspedes. Estaria melhor num hospital, mas Rodrigo não sentia disposição para responder a perguntas. Os burocratas conseguiam ser irritantemente *burocratas*. E se ela morresse, paciência. Esforçava-se tanto quanto estava disposto a fazê-lo. Vincenzo Giordano era realmente médico, apesar de já não ter consultório e de passar todo o seu tempo num laboratório nos arredores de Paris que Salvatore financiava. No entanto, se Salvatore tivesse pedido ajuda mais cedo e tivesse pedido para ser levado a um hospital, seria possível que ainda estivesse vivo. Mesmo assim, Rodrigo não questionara a decisão do pai de chamar o Dr. Giordano e compreendeu-a perfeitamente. A discrição era tudo em situações de vulnerabilidade.

Deitou Denise na cama e deixou-se ficar a olhá-la, pensando no que tanto atraía o seu pai. Salvatore sempre tivera olho para mulheres, mas aquela não era nada de extraordinário. Estava com um aspecto particularmente atroz, com o cabelo emaranhado, uma cor terrível como se já estivesse morta. Mas, mesmo no seu melhor, não seria bela. A sua face parecia demasiado magra, demasiado austera. E o lábio superior era ligeiramente saliente. Essa particularidade, que lhe tornava o lábio superior mais carnudo do que o inferior, conferia-lhe o ar sensual que precisava.

Paris estava repleta de mulheres com melhor aspecto e melhor sentido de estilo do que Denise Morel, mas Salvatore quisera-a a ela, ao ponto de se mostrar demasiado impaciente para investigar por completo o seu passado antes de a abordar. Para seu espanto, recusara os primeiros dois convites e a impaciência de Salvatore transformara-se em obsessão. Teria o seu interesse por ela provocado um afrouxamento das defesas? Seria aquela mulher indirectamente responsável pela sua morte?

Tão grandes eram a dor e a raiva de Rodrigo que a teria estrangulado apenas por essa possibilidade. Mas, por baixo desses sentimentos, resistia a voz calma que dizia que ela poderia ser capaz de lhe dizer algo que o levasse até ao assassino.

Teria de encontrar o responsável e eliminá-lo. Ou eliminá-la. A família Nervi não poderia deixar passar aquilo sem uma retaliação ou a sua reputação seria abalada. Visto que ocupava agora a posição de Salvatore, não podia dar-se ao luxo de alimentar dúvidas acerca da sua competência ou autoridade, por mais pequenas que fossem. Precisava de encontrar o seu inimigo. Infelizmente, as possibilidades eram infinitas. Quando se negociava com a morte e o dinheiro, o mundo inteiro estava envolvido. Porque Denise também tinha sido envenenada, tinha mesmo de ponderar se a culpa poderia ser de uma ex-amante ciumenta do pai ou de um antigo companheiro de Denise.

O doutor Vincenzo Giordano bateu delicadamente com os dedos na armação da porta e entrou. Rodrigo olhou-o. Estava com mau aspecto. Os seus caracóis grisalhos habitualmente ordenados estavam revoltos, como se os tivesse puxado. O bom doutor fora amigo do pai desde a mocidade e chorara sem pudor quando Salvatore expirara há menos de duas horas.

— Porque não morreu ela também? — perguntou Rodrigo, indicando a mulher na cama.

Vincenzo tomou o pulso de Denise e ouviu-lhe o batimento cardíaco.

— É possível que ainda morra — disse, esfregando a cara fatigada

com uma mão. — O batimento cardíaco é demasiado rápido e débil. Talvez não tenha ingerido uma quantidade de veneno tão grande como o seu pai.

— Continua a achar que foram cogumelos?

— Disse que parecia um envenenamento com cogumelos. Devido à maior parte dos sintomas. Mas existem diferenças. A velocidade de actuação, por exemplo. Salvatore era um homem grande e robusto. Não se sentia mal quando regressou a casa ontem à noite, quase à uma da manhã. Morreu apenas seis horas mais tarde. Os cogumelos actuam mais lentamente. Até os mais mortíferos levarão quase dois dias para matar alguém. Os sintomas foram muito semelhantes. A velocidade não.

— Não foi cianeto ou estricnina?

— Estricnina não. Os sintomas não são os mesmos. E o cianeto mata em minutos e provoca convulsões. Salvatore não apresentou convulsões. Os sintomas do envenenamento por arsénico são algo semelhantes, mas suficientemente diversos para excluir também essa possibilidade.

— Há alguma forma de perceber ao certo o que foi usado?

Vincenzo suspirou.

— Não afirmarei com segurança que tenha sido veneno. Pode ter sido um vírus e, nesse caso, todos ficámos expostos.

— Então porque não adoeceu o motorista do meu pai? Se é um vírus que actua em horas, ele também deveria estar doente por esta altura.

— Disse que poderia ser. Não disse que era. Posso fazer testes. Com a sua autorização, posso examinar o fígado e os rins de Salvatore. Posso comparar a sua análise com o sangue de... Como se chama?

— Denise Morel.

— Ah sim. Já me recordo. Falava sobre ela. — Havia tristeza nos olhos escuros de Vincenzo. — Penso que estava apaixonado.

— Bah. Teria acabado por perder o interesse eventualmente. Era o que sempre acontecia. — Rodrigo abanou a cabeça como se afastasse um pensamento. — Basta. Consegue salvá-la?

— Não. Ou sobreviverá ou não. Não posso fazer nada.

Rodrigo deixou Vincenzo fazer os seus exames e foi para a divisão na cave onde os seus homens mantinham *monsieur* Durand. O francês não tinha bom aspecto, com gotículas de sangue pingando-lhe do nariz. Mas os homens tinham concentrado os golpes no corpo, onde magoavam mais e não eram tão facilmente visíveis.

— *Monsieur* Nervi! — bradou o gerente do restaurante ao ver Rodrigo, começando a chorar de alívio. — Por favor, o que quer que tenha acontecido, desconheço totalmente. Juro-lhe.

Rodrigo puxou uma cadeira e sentou-se em frente dele, recostando-se e cruzando as longas pernas.

— O meu pai comeu alguma coisa no seu restaurante na noite passada que não lhe caiu bem — disse, eufemisticamente.

A face do francês foi coberta por uma expressão de espanto e incompreensão totais. Rodrigo conseguia ouvir-lhe os pensamentos: Era espancado porque Salvatore Nervi tinha tido uma indigestão?

— Mas... mas... — gaguejou Durand. — Restituirei o dinheiro que pagou, claro. Bastaria pedir. — A seguir, atreveu-se a acrescentar: — Isto não era necessário.

— Comeu cogumelos? — perguntou Rodrigo.

Novo olhar espantado.

— *Monsieur* Nervi saberá que não. Pediu galinha em molho de vinho com espargos e *mademoiselle* Morel comeu halibute. Não houve quaisquer cogumelos.

Um dos homens presentes era o motorista habitual de Salvatore, Fronte. Baixou-se e segredou ao ouvido de Rodrigo. Rodrigo acenou afirmativamente.

— Fronte diz que a Sra. Morel se mostrou indisposta imediatamente após sair do seu restaurante. — Então fora afectada em primeiro lugar, pensou Rodrigo. Teria sido a primeira a ingerir o veneno? Ou teria actuado de forma mais rápida nela, devido ao seu peso inferior?

— Não foi a comida, *monsieur*. — Durand mostrava-se profundamente insultado. — Nenhum dos meus outros clientes se mostrou indisposto ou teve qualquer reclamação. O halibute não estava estragado e, mesmo que estivesse, *monsieur* Nervi não o comeu.

— Partilharam alguma coisa?

— Nada — respondeu Durand prontamente. — Excepto talvez o pão. Apesar de não ter visto *mademoiselle* Morel comê-lo. *Monsieur* bebeu vinho, um Bordéus excepcional, *Château Maximilien* da colheita de oitenta e dois, e *mademoiselle* bebeu café como habitualmente fazia. É verdade que *monsieur* insistiu com ela para que provasse o vinho, mas não lhe agradou.

— Então partilharam o vinho.

— Apenas um pequeno gole. Como disse, não lhe agradou. *Mademoiselle* não bebe vinho. — O encolher de ombros intensamente francês de Durand revelava a sua incapacidade para compreender tal facto. Mas era inegável.

Mas, na noite anterior, bebera vinho, ainda que tivesse sido apenas um pequeno gole. Seria o veneno tão potente que bastasse uma quantidade ínfima para lhe ameaçar a vida?

— Sobrou vinho?

— Não. *Monsieur* Nervi bebeu-o todo.



Não era invulgar. Salvatore tinha uma cabeça notavelmente dura e, como resultado, bebia mais do que a maioria dos italianos.

— A garrafa. Ainda têm a garrafa?

— Estará no contentor de lixo, certamente. Nas traseiras do restaurante.

Rodrigo ordenou a dois homens que vasculhassem o lixo e encontrassem a garrafa vazia de Bordéus, voltando-se novamente para Durand.

— Muito bem. Permanecerá como meu convidado — esboçou um sorriso sem qualquer humor — até a garrafa e os restos do vinho serem analisados.

— Mas isso poderá...

— Levar dias, sim. Certamente compreenderá. — Talvez Vincenzo conseguisse obter respostas com maior rapidez no seu laboratório, mas não havia certezas.

Durand hesitou.

— O seu pai... encontra-se muito doente?

— Não — respondeu Rodrigo, erguendo-se. — Encontra-se morto. — E, mais uma vez, as palavras atingiram-no directamente no coração.

•

No dia seguinte, Lily percebeu que sobreviveria. O Dr. Giordano precisou de dois dias adicionais para chegar à mesma conclusão. Precisou de três dias inteiros para se sentir suficientemente bem para sair da cama e tomar um muito necessitado banho. Tinha as pernas tão trémulas que precisou de se segurar à mobília para chegar até à casa de banho, com a cabeça à roda e a visão ainda algo turva. Mas sabia que o pior tinha passado.

Lutara desesperadamente para se manter consciente, recusando as drogas que o Dr. Giordano tentara administrar-lhe para acalmar as dores e fazê-la dormir. Mesmo apesar de ter desmaiado durante a viagem até ao que era obviamente a residência Nervi, não fora drogada. Apesar da excelência do seu francês, não era a sua língua materna. Se fosse sedada, o inglês americano original poderia escapar-lhe. Fingiu rezear morrer durante o sono, dizendo conseguir lutar contra o veneno desde que se mantivesse alerta e, apesar de o Dr. Giordano saber que isso era um absurdo médico, acabara por ceder aos seus desejos.

Por vezes, dissera, a condição mental de um paciente tinha maior significado para a recuperação do que a condição física.

Quando regressou lenta e laboriosamente da luxuosa casa de banho revestida a mármore, Rodrigo estava sentado na cadeira ao lado da cama à

sua espera. Estava integralmente vestido de preto, com camisola de gola alta e calças, um prenúncio sinistro no quarto branco e creme.

De imediato, todos os seus instintos se elevaram a um patamar superior de alerta. Não poderia lidar com Rodrigo da mesma forma como lidara com Salvatore. Para começar, por mais astuto que Salvatore tivesse sido, o seu filho era mais inteligente, mais duro e calculista. E isso dizia muito. Por outro lado, Salvatore sentira-se atraído por ela e Rodrigo não. Para o pai, fora uma conquista jovem, mas ela era três anos mais velha do que Rodrigo e este tivera conquistas suficientes para lhe distrair as atenções.

Usava um pijama trazido do seu apartamento no dia anterior, mas sentiu-se grata pela cobertura adicional proporcionada pelo grosso roupão de turco que encontrara pendurado de um gancho na casa de banho. Rodrigo era um daqueles homens de sexualidade intensa, que tornava a sua presença notada pelas mulheres e Lily não era imune a essa faceta da sua personalidade, apesar de saber o suficiente a seu respeito para se sentir arrefer com o desprezo. Não era inocente da maioria dos pecados de Salvatore, apesar de ser inocente dos homicídios que a tinham levado à vingança. Unicamente por acaso, Rodrigo estivera na América do Sul nessa altura.

Esforçou-se por chegar à cama e sentou-se, apoiando-se num dos pés da cama. Engoliu em seco e disse:

— Salvou-me a vida. — A sua voz era aguda e débil. Estava magra e sentia-se fraca, longe de uma forma física que lhe permitisse proteger-se.

Rodrigo encolheu os ombros.

— Não é bem assim. Vincenzo, o Dr. Giordano, diz que não podia fazer nada. Recuperou sozinha, apesar de ter sofrido danos. Uma válvula cardíaca, penso que foi isso que disse.

Já o sabia porque o Dr. Giordano lhe dissera o mesmo naquela manhã. Conhecera as possibilidades quando correu o risco.

— Mas o fígado recuperará. Vejo que está com muito melhor cor.

— Ninguém me disse o que se passou. Como soube que estava doente? O Salvatore também adoeceu?

— Sim — respondeu. — Não recuperou.

Esperava-se dela qualquer outra reacção além de «ah bom» e, por isso, Lily pensou deliberadamente em Averill e Tina, em Zia e na sua magreza adolescente, na sua face iluminada e alegre e nas palavras que lhe saíam numa torrente interminável. Sentia tantas saudades de Zia. Era uma dor no centro do seu peito. Os olhos encheram-se de lágrimas e deixou-as escorrer pela face.

— Foi veneno — explicou Rodrigo, com expressão e tom calmos, como se estivesse a comentar o tempo. Não se deixou enganar. A raiva estaria inevitavelmente presente. — Na garrafa de vinho que bebeu. Parece ser

um veneno sintético, de concepção estudada. Muito potente. Quando os sintomas se manifestam, é já tarde demais. *Monsieur* Durand, o gerente do restaurante, disse que o provou.

— Sim. Um gole. — Limpou as lágrimas. — Não gosto de vinho, mas Salvatore insistiu e começava a perder a paciência porque eu não queria provar. Fiz-lhe a vontade... apenas um pequeno gole para lhe agradar. Foi horrível.

— Teve sorte. De acordo com Vincenzo, o veneno é tão potente que, se tivesse bebido mais do que isso, se o gole não tivesse sido tão pequeno, estaria morta.

Lily estremeceu, recordando as dores e os vômitos. Fora afectada mesmo sem chegar a engolir o vinho, permitindo apenas que lhe tocasse os lábios.

— Quem fez isto? Qualquer pessoa poderia ter bebido o vinho. Foi algum terrorista procurando atingir alvos indiscriminados?

— Penso que o meu pai era o alvo. O seu amor pelo vinho é bem conhecido. O *Château Maximilien* de oitenta e dois é muito raro e, no entanto, uma garrafa surgiu misteriosamente ao alcance de *monsieur* Durand um dia antes de o meu pai ter feito a reserva no restaurante.

— Mas poderia ter vendido o vinho a qualquer pessoa.

— E correria o risco de o meu pai saber que o fizera e ficar ressentido por um vinho tão raro não lhe ter sido oferecido a ele? Penso que não. Isto faz-me pensar que o envenenador conhece bem *monsieur* Durand, o seu restaurante e a clientela.

— Como foi feito? A garrafa foi aberta à nossa frente. Como foi envenenado o vinho?

— Imagino que tenha sido usada uma agulha hipodérmica muito fina para injectar o veneno através da rolha. Não teria sido notado. Ou a rolha poderá ter sido retirada e recolocada novamente com o equipamento adequado. Para grande alívio de *monsieur* Durand, não acredito que seja culpado. E o mesmo se aplica ao empregado que vos serviu.

Lily estava há tanto tempo fora da cama que tremia com a fraqueza. Rodrigo notou os tremores que lhe faziam estremecer todo o corpo.

— Pode ficar aqui até recuperar por completo — disse, educadamente, pondo-se de pé. — Se precisar de alguma coisa, bastará pedir.

— Obrigada — agradeceu ela, dizendo em seguida a maior mentira da sua vida. — Rodrigo, sinto muito por Salvatore. Era... era... — um sacana assassino filho da mãe, mas, agora, um sacana assassino filho da mãe morto. Conseguiu produzir mais uma lágrima, pensando na pequena cara de Zia.

— Agradeço o seu pesar — disse Rodrigo sem qualquer expressão. A seguir, saiu do quarto.

Não fez uma dança da vitória. Estava demasiado fraca e, tanto quanto sabia, poderia haver câmaras de vigilância no quarto. Ao invés, tornou a enfiar-se na cama e tentou refugiar-se num sono restaurador, mas sentia-se demasiado triunfante para conseguir mais do que dormir.

Parte da sua missão estava cumprida. Agora, precisava apenas de desaparecer antes que Rodrigo descobrisse que Denise Morel não existia.

### | 3 |

**Dois** dias depois, Rodrigo e o seu irmão mais novo, Damone, permaneciam de pé sobre as sepulturas dos pais no seu lar de infância em Itália. A mãe e o pai estavam novamente lado a lado na morte, tal como em vida. A sepultura de Salvatore estava coberta de flores. Tanto Rodrigo como Damone tinham pegado em algumas para as colocarem também sobre a sepultura da mãe.

O tempo estava fresco e soalheiro e soprava uma brisa ligeira. Damone colocou as mãos nos bolsos e ergueu os olhos para o céu azul, com o pesar visível no seu rosto bonito.

— Que faremos agora? — perguntou.

— Descobrimos quem fez isto e matamo-lo — respondeu Rodrigo sem hesitar. Juntos, voltaram-se e começaram a afastar-se das sepulturas. — Vou também difundir um comunicado à imprensa sobre a morte do pai. Não podemos manter o silêncio durante mais tempo. As notícias deixarão algumas pessoas nervosas, pensando no estado de vários acordos agora que estou eu no comando, e terei de lidar com isso. Podemos perder alguma receita, mas nada que não consigamos comportar. E as perdas serão de curto prazo. As receitas da vacina chegarão para cobrir o prejuízo. E para mais. Muito mais.

— Vincenzo compensou o tempo perdido? — perguntou Damone. Tinha maior vocação para os negócios do que Rodrigo e era ele quem geria a maior parte das operações financeiras a partir do seu quartel-general na Suíça.

— Não tanto como teríamos gostado, mas o trabalho progride. Garante-me que terminará até ao próximo Verão.

— Então está a sair-se melhor do que esperávamos, considerando aquilo que se perdeu. — Um incidente no laboratório de Vincenzo destruíra a maior parte do seu projecto.